



A PERFORMANCE-PAQUERA ENTRE HOMENS NA “POP-ISMO” DE SOBRAL/CE.

Fabrcio de Sousa Sampaio

Universidade Federal do Rio Grande do Norte- UFRN. E-mail: farcosousa@yahoo.com.br

RESUMO: A paquera pode ser definida como busca tributária de certos regramentos principalmente em relação às suas finalidades, ao objeto paquerado e aos cenários culturais onde ocorre esse processo de aproximação. Neste sentido a paquera pode ser constituída por rituais. A etnografia em andamento que parte dessa problemática objetiva identificar e compreender os rituais performáticos dos corpos generificados em situação de paquera homoerótica durante as edições da “Pop-ismo” na cidade de Sobral-CE. A constatação de que a paquera contemporânea é um continuum ritualístico interdependente entre os contextos culturais em que se realiza é o ponto de partida da investigação. E uma das principais conclusões é a de que os corpos em performance durante a paquera reforçam a heteronormatividade, os padrões estéticos corporais dominantes e os códigos sociotemporais localizados numa perambulação reiterativa e/ou subversiva entre a “performance máscula” e a “performance rasgada”.

Palavras-chave: Paquera; “Pop-ismo”; Ritual.

INTRODUÇÃO

Com o intuito de delimitação do objeto de estudo do doutorado – performance em festas eletrônicas em Sobral – iniciei uma incursão na “Pop-ismo” por ser consensualmente a única festa gay da cidade. E desde as primeiras observações comecei a refletir sobre os atos reiterados de aproximação entre homens. A percepção foi e é a de que a paquera entre os frequentadores dessa festa era e é padronizada. Neste interim, vários questionamentos foram surgindo: a paquera segue regras sociais? Quais? Ela é ritualizada? E para que serve esses rituais? Quais os sentidos da ritualização da paquera?

Essas e outras questões passaram a disciplinar de certa forma o “olhar” e o “ouvir” sobre as performances da “Pop-ismo”. O objetivo da etnografia em curso é

identificar e compreender os rituais que constituem a performatividade-paquera entre homens nessa festa.

A “Pop-ismo” iniciou em 2011 como uma festa particular realizada mensalmente entre amigos em motéis da cidade de Sobral no estado do Ceará. Hoje é totalmente pública e ocorre quase sempre numa das maiores casas de show da cidade – Coqueiros clube. Atualmente a festa aglutina uma diversidade de corpos, identidades e performances de orientação homoerótica. Quando o Bardakal¹ fecha em 2012, a “Pop-ismo” se torna a única festa e o único espaço permanente de

¹ Único bar da época considerado gay conforme o relato dos colaboradores



encontro e “azaração”² gay da cidade. Embora que de vez em quando aconteçam “raves”³ e festas paralelas que dependendo dos organizadores e estrutura, o “público gay” vai julgando ser ou não gay.

A paquera que ocorre na “Pop-ismo” é atravessada por um princípio tácito de disciplinamento e controle corporal. Estar na paquera é uma exigência social que encerra um pedido de autorização para o outro corpo para poder se aproximar, cortejá-lo e possivelmente iniciar um flerte. Ela também é um ritual cerimonial. Principalmente se os indivíduos no momento da paquera estiverem sozinhos sem a segurança e a proteção grupal. São dois “estranhos” ou não num jogo corpóreo onde imagens, identificações, avaliações, recusas, aceitações, são articuladas e trocadas num curto espaço de tempo para um rápido processo decisório.

METODOLOGIA

Sendo o processo de paquera um ação onde o corpo dos indivíduos tanto pode estar no papel de paquerador se valendo de rituais performáticos quanto no papel de objeto a ser paquerado se valendo de outros tipos de rituais performáticos, escolhi a etnografia

² Termo comumente utilizado para se referir aos trânsitos de pessoas que mistura a busca por paqueras, namoros, sexo e diversão, com bebedeiras e outras práticas que beiram a informalidade.

³ Festas eletrônicas organizadas com intuito de duração prolongada como, por exemplo, 12 ou 24 horas de duração.

como método de interpretação desse processo objetivando descrever e analisar os movimentos corporais e seus significados culturalmente situados.

Este artigo é constituído por reflexões parciais acerca da etnografia em andamento iniciada em 2012. O contexto cultural de investigação são festas eletrônicas que ocorrem mensalmente na cidade de Sobral-CE denominadas de “Pop-ismo” por seus cofundadores.

Depois de um ano de observação participante curti o perfil da festa no Facebook e comecei a receber solicitações de amizade. Destes novos amigos, fui me apresentando como pesquisador e fazendo convites de participação para que eles participassem das entrevistas abertas. Nove aceitaram. Para preservar o anonimato, nomes aleatórios foram escolhidos para identificá-los: Juliano, Romeu, Valdo, Fagner, Carlos, Alex, Elano, Claudio e Roberto.

Inicialmente o artigo traz uma discussão sobre as categorias performance e ritual a partir da teoria de Ricardo Schechner (2012) e Erving Goffman (2009, 2010, 2011) e a identificação dos marcadores da paquera homoerótica tais como a heteronormatividade⁴, padrões estéticos

⁴ Termo criado por Wagner (1993) que identifica um conjunto de disposições – discursos, valores e práticas – que naturaliza, sanciona e legitima a heterossexualidade como a única possibilidade de expressão dos sujeitos (Junqueira, 2012, P.66). A



corporais e os códigos sociotemporais. No segundo momento do texto, a “Pop-ismo” e os “pops” serão considerados. E na terceira parte, serão analisados os rituais da paquera cujo processo é dividido a título de análise em três fases: preparatória, interação desfocada e focada.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

A performance é um “comportamento ritualizado condicionado/permeado pelo jogo”. Ela se origina da interação entre o jogo e o ritual. Os rituais constituem ações codificadas que movimentam a memória e ajuda os indivíduos a lidar com relações sociais “ambivalentes, hierarquia e desejos que problematizam, excedem ou violam as normas da vida diária” (LIGIÉRO, 2012, p.49). Embora que os rituais se apresentem publicamente sob o caráter de estabilidade e permanência, eles mudam dependendo das circunstâncias sociais (SCHECHNER, 2012, p.84).

Neste sentido podemos considerar que os rituais performatizados na paquera homoerótica dentre outras razões ajudam os indivíduos a se relacionarem eroticamente entre si num contexto heteronormativo que além de negar a legitimidade do desejo

heteronormatividade é sustentada pela heterossexualidade obrigatória conforme Louro (2012). E, além disso, reforçada pela efeminofobia no caso das relações amorosas e sexuais entre homens.

homoerótico também o aprisiona num padrão heterossexual binário de homens e mulheres.

Schechner (2012) divide a performance em eficácia e entretenimento. Dois pólos que fazem parte de uma ação contínua dependendo do contexto e da função. A performance é ritual quando se vincular a eficácia ou buscar resultados. E é entretenimento quando o objetivo for dar prazer, ser mostrada ou passar o tempo. Para o autor esse jogo binário – eficácia e entretenimento – não são opostos e sim continuamente interdependentes. Não há eficácia ou entretenimento puro. E é das tensões criativas desse jogo e suas várias finalidades que se originam as performances (ibid, p.81).

Um dos elementos característicos da “Pop-ismo” é a performance - entretenimento dos “pops”⁵ e dos “bicudos”⁶. Muitos jovens dançam em espaços reservados para esta finalidade. Há inclusive uma plateia vibrante avaliando as performances de dança principalmente nos estilos pop. Geralmente são os “pops” que dançam e constituem a plateia nesses contextos. Já os “bicudos” cuja maioria é considerada máscula pelos colaboradores ficam transitando ou dançando

⁵ Autodenominação dos “estabelecidos” – jovens que frequentam regularmente a “Pop-ismo”.

⁶ Termo utilizado pelos colaboradores para designar aqueles que não ficam com quase ninguém e vem somente para “se exibir, se mostrar” (Romeu-março/2013).



as margens da pista central – quando estão sozinhos. Se estão em grupos se posicionam perto da mesa dos djs e geralmente seus estilos performáticos na dança se assemelham aos movimentos executados pelos strippers ou gogodancers. Há alguns que tiram a blusa. Parece que essa última ação confirma o status de “bicudo” desses jovens.

Mas a dança não é apenas uma performance-entretenimento ela também se constitui em eficácia. Ela é considerada um “momento revelador” da masculinidade e feminilidade dos corpos. Há movimentos corporais e passos de dança considerados “de bicha” e “de boy”. Por exemplo, os reveladores da ‘feminilidade’ ou afeminamento foram também descritos na pesquisa de Simões, França e Macedo (2010, p. 57): “dançar movendo excessivamente os quadris, erguer demais os braços acima dos ombros, ou acompanhar o conteúdo das letras com gestos de mãos que expressam alguns versos”. No caso masculino, os movimentos principais de “macheza” são: as pernas ligeiramente flexionadas com movimentos circulares do quadris; não mexer muito a cabeça e manter os braços quase enrijecidos para expressar a musculatura trabalhada.

Assim, no processos de paquera esses movimentos são buscados e/ou evitados para atrair o parceiro e se constituir num objeto de desejo principalmente nas pistas de dança.

Para Erving Goffman (2009), a performance é uma atividade de emitir impressões relacionadas aos papéis sociais preestabelecidos adequados conforme uma plateia determinada. Ela é de teor cerimonial por rejuvenescer e reafirmar valores morais da sociedade. Na sua teoria os rituais são eficazes por tornarem os indivíduos “participantes autorreguladores em encontros sociais” (Goffman, 2011, P. 49). Assim, os rituais e as performances estão vinculados à ordenação equilibrada das interações sociais em contextos específicos.

Sendo a performance uma atividade cerimonial, Goffman(2011) distingue dois componentes básicos: a deferência e o porte. Na deferência é comunicada uma apreciação para um indivíduo ou para algo do qual ele “é considerado um símbolo, extensão ou agente” (p. 59). É um ritual interpessoal geralmente expresso por pequenas saudações, elogios e desculpas onde o indivíduo se vê preocupado com as implicações simbólicas de seus atos na presença de um objeto valorizado por ele. Os atos de deferência contem, além de um sentimento de estima, uma espécie de promessa, “expressando de forma truncada a admissão e compromisso do ator de tratar o receptor de uma forma particular na atividade que se seguirá” (Goffman, 2011, p. 60-3).

Goffman (2011) cita duas formas que a deferência pode assumir. Os rituais de



evitação que são empregados onde a deferência leva o ator a manter distância do receptor e ao violar a esfera que está ao redor do receptor (p. 65). E o segundo tipo são os rituais de apresentação. Nestes o “indivíduo confirma especificamente aos receptores como ele os estima e como os tratará na interação prestes a ocorrer”. Nos primeiros é especificado o que não deve ser feito e nos segundos, aquilo que deve ser feito. O autor menciona quatro formas muito comum desse tipo: saudações, elogios, convites e pequenos serviços onde o “ator representa concretamente sua apreciação do receptor” (ibid, p. 72-4).

Considerando a performance – modo ritualizado de atuar no espaço que engendra fixar certa fachada a fim de sustentar uma definição de situação – um objeto de interpretações dos outros, o porte então é a imagem construída pelos outros da interpretação da performance de alguém. Juntos porte e deferência – rituais de evitação e de apresentação – corroboram para o equilíbrio nas interações sociais nos termos de Goffman.

Goffman (2010) discute um tipo de cortesia comum que podemos relacionar aos processos de paquera: a desatenção civil. Pois:

O que parece estar envolvido é que uma pessoa dá a outra um aviso visual suficiente para demonstrar que ela compreende

que a outra está presente (e que admite abertamente tê-la visto), e no próximo momento ela retira sua atenção para expressar que a segunda não constitui um alvo de curiosidade ou interação especial (Goffman, 2010, P.96).

Partindo da premissa de que os rituais da paquera servem justamente para assegurar que ambos estejam no mesmo processo ou pelo menos um deles seja reconhecido como paquerador, esse tipo de cortesia – desatenção civil – precisa ser afastado, para não confundir o processo. Em contrapartida, a infração a essa cortesia pode ser o início da paquera justamente porque trabalha os olhares de confirmação da presença um do outro.

Com base nessas considerações sobre ritual e performance, é imperioso se questionar no contexto da paquera homoerótica: quem executa os rituais? Qual o conteúdo das performances? O que é encenado e com qual objetivo?

A paquera é considerada como uma interação orientada por regras e valores tanto no aspecto microespacial dos envolvimentos quanto do macroespacial de regulações mais amplas que afetam e normatizam as sociabilidades homoeróticas. Por essa razão a performance-paquera é ritual por se vincular a ação racional que busca resultados específicos nos termos de Schechner (2012).

A partir dos depoimentos e da observação participante podemos afirmar que



na paquera homoerótica masculina quem executa os rituais são corpos sexuados e generificados e que buscam outros corpos sexuados/generificados, ambos marcados socialmente pela heteronormatividade, padrões estéticos de beleza dominantes e códigos sociotemporais específicos de cada contexto cultural. E especificamente na paquera entre homens, a efeminofobia – aversão aos trejeitos ditos femininos nas performances masculinas – atua como reforçador auxiliar da heteronormatividade. Analisemos a seguir esses marcadores.

A performance durante a paquera objetiva dentre outras razões principalmente tornar um corpo reconhecido como objeto de paquera ou de desejo, além de eficazmente conseguir um “fica” ou amante. O conteúdo performatizado no curso da paquera são as performances de gênero: “ficções sociais” impostas e geradoras de “estilos corporais” acionadas durante o ato performático por serem consideradas naturalizadas, como próprias de um corpo masculino ou feminino (BENTO, 2006, p. 92).

Tanto o sexo quanto o gênero que marca os corpos executores dos rituais de paquera são performativos de acordo com a teórica Judith Butler. Através do conceito de performatividade, a autora faz uma genealogia crítica tanto do sexo quanto do gênero os quais correspondem a uma reiteração prática

do discurso que objetiva produzir aquilo que nomeia. Não é um ato singular ou intencional do sujeito. E muito menos algo pré-cultural através do qual podemos conformar os corpos. O sexo e o gênero são uma reiteração de uma norma ou conjunto delas que “oculta ou dissimula as convenções das quais ela é uma repetição” (BUTLER, 2010, p. 166).

A norma regulatória desse processo reiterativo de construção dos homens e mulheres é a heteronormatividade. Esse marco regula as performatividades dos corpos reiterando a heterossexualidade como a única forma possível de interagir entre as pessoas. Os espaços sociais, as vivências e os sentidos das práticas são avaliados e julgados conforme os padrões de conduta heterossexual que os corpos devem performatizar. É no seio desse dispositivo que as práticas e significados eróticos da paquera masculina são ordenados e por isso a grande preocupação dos corpos em se conformarem numa “performance máscula” – constituída pelos “machos superiores” – ao contrário de se apresentarem numa “performance rasgada”⁷. Esses dois modelos performáticos são utilizados tanto como roteiros de encenação quanto de classificação dos corpos em “tudo, um luxo, macho mesmo...” ou

⁷ Termo êmico que encerra homens muito afeminados ou trejeitados e que não se preocupam em esconder publicamente seus trejeitos e até podem utilizar sua condição “rasgada” como, por exemplo, para divertir conhecidos ou amigos em dado contexto social.



“bichinha, cansada, passivona...” (Juliano - setembro/2013).

Entretanto tais pólos – “ másculo ” e “ rasgados ” – embora que aparentemente possam se apresentar como opostos excludentes na ambiência heteronormativa da paquera entre homens, durante a etnografia na “ Pop-ismo ” constatamos que eles expressavam um continuum através do qual os rituais da paquera eram performatizados durante a festa. Os corpos transitavam durante a festa e eram constantemente avaliados e classificados tendo como referência esses dois polos: a “ performance máscula ” – valorizada, triunfada, sem trejeitos – e a “ performance rasgada ”, com trejeitos, afeminada, desvalorizada socialmente.

Como a “ performance máscula ” se refere ao pólo masculino considerado superior, na paquera, ela deve ser constantemente performatizada, em detrimento da “ performance rasgada ” por esta ser abjetada ao representar a inferioridade do feminino como um todo. Muitos confessaram uma vigilância performática para não “ dar pinta ”⁸ para serem paquerados e “ conseguirem alguém na festa ” (Romeu-março/2013).

Em suma, os corpos que paqueram são marcados socialmente, além da cor, etnia e classe social, pela heteronormatividade que

⁸ Termo êmico que significa expressar o efeminamento ou a “ bichice ”.

baliza as classificações das performances em “ máscula ” e “ rasgada ”. Nessa classificação a efeminofobia atua como reforçador da norma heterossexual e referência para a construção das performances. Entretanto aos corpos humanos também são impostos os padrões de beleza fitness e a tecnociência pode contribuir na produção estética dos gêneros da performance. Entretanto, há suturas representadas pelas performances “ pop ”.

Embora que a grande maioria dos frequentadores se assemelham e compartilham uma determinada “ cultura pop ”, eles se classificam entre si e os outros “ carne nova ” pelo grau de masculinidade ou “ rasgação ”: “ tem muita bichinha que gosta de se rasgar dançando Britney ” (Carlos-junho/2013).

Os “ pops ”, como os outros frequentadores, parecem transitar também entre os pólos “ performance máscula ” e “ performance rasgada ”. Ao se autoclassificarem e a avaliarem suas performances com referência a esses polos eles reforçam a heteronormatividade.

Perlongher (1987) coloca a paquera como um trânsito de homens nas ruas em busca de algo sexual. Neste tipo de paquera de rua as possibilidades de contato homossexual são correlatas a uma paradoxal necessidade – a de salvaguardar o segredo da paquera –, pois é homoerótica e ao mesmo a



necessidade de demonstrar indícios de interesse e desejo entre homens. E também segue um processo ritual caracterizado por códigos linguísticos que permitem assegurar tanto o anonimato, de certa maneira, em relação aos outros quanto confirmar o interesse de ambos para a pegação. De forma geral, o ato de paquerar encerra uma atividade de busca que objetiva alguma finalidade através de rituais específicos de tentativa de aproximação e interação com seus alvos correspondentes.

A ordenação ritual da paquera é caracterizada por fases, atos e simbologias diferentemente construídos e subvertidos a partir das limitações e possibilidades dos espaços sociais específicos.

Os rituais analisados a seguir se referem às fases preparatória, desfoca e focada – divisão aplicada aos processos de paquera – onde o “fica” e/ou a “pegada” ou a “pegação” é considerada a última etapa de um processo que se inicia com olhadelas mútuas, pois “a troca de olhares é fundamental, informando quando um flerte será ou não correspondido” (BRAZ, 2009, P.88).

A interdependência e simultaneidade entre essas fases constituem os pressupostos dessa divisão sugerida. Assim, na fase focada de um processo de paquera qualquer, o indivíduo pode estar continuamente se preparando para manter o porte e a fachada, e

ao mesmo tempo, pode estar lançando olhares e selecionando próximos alvos de paquera – fase desfocada.

Na fase preparatória o indivíduo atua na construção de um porte bom, nas palavras de Goffman, ou na criação de uma imagem com qualidades desejáveis para os outros. A escolha do vestuário, a postura e o aspecto corporal será calculada de acordo com os interesses ao se dirigirem a determinado estabelecimento social. E no calor das interações, os interesses, escolhas e finalidades elencadas frente ao espelho e às vezes externalizadas durante o trajeto para chegar a determinada festa ou espaço social específico, serão intersubjetivamente rompidas, manipuladas ou reafirmadas pelos indivíduos no jogo da paquera. Pois, a (re) construção desse porte é permanente e se vincula em última instância nas paqueras homoerótica entre os pólos masculinidade e “rasgação”.

A paquera inicia no olhar que materializa num corpo o desejo homoerótico. O olhar como sinal de paquera é repleto de peculiaridades onde não somente o desejo ou a atração são determinantes, mas fundamentalmente a racionalização, por isso não é uma atividade meramente espontânea e do campo do erótico. É também da ordem da ritualização. Então, no sistema de olhares da paquera, “primeiro sinal de comunicação”, “o



cálculo já está contido”. Pois, na prática da deriva os dois polos “desejo e interesse, acaso e cálculo” estão presentes como também “tornam-se frequentemente indiscerníveis” (PERLONGHER, 1987, p. 161). E no caso da paquera homossexual, o autor acrescenta dois grandes blocos constitutivos:

De um lado, um desejo sexual aberto, profuso, que remete a ordem do acaso. De outro lado, esse desejo não é indiscriminado, mas agencia, para se consumir, um complexo sistema de cálculo dos valores que se atribuem aquele que é captado pelo olhar desejante, incluindo tanto expectativas sexuais quanto riscos de periculosidade. (ibid, P. 161).

A fase interacional de paquera é denominada nesta discussão de desfocada ou focada. Na interação focada existe um único foco de atenção cognitiva e visual durante as os atos de fala e gestos. E os participantes ajudam a manter esse foco de atenção. Diferentemente, na interação desfocada onde “os indivíduos em presença visual e auditiva uns dos outros cuidam de suas próprias vidas sem estarem ligados por um foco de atenção compartilhado” (GOFFMAN, 2011, p. 128). Não há aqui um único centro de atenção. Ocorre geralmente na rua e em festas sociais grandes.

A primeira fase interacional do processo da paquera – a desfocada – tem como ritual estratégico a desatenção civil, um dos rituais mais frequentes nas sociedades

conforme Goffman(2010). Esse tipo de cortesia é afastado, para não confundir o processo, pois nela, o indivíduo oferece um “aviso visual suficiente” demonstrando que estar consciente da presença de outro indivíduo e depois retira sua atenção para não expressar curiosidade ou pretensão de interagir (ibid, P.96).

O reconhecimento da paquera entre indivíduos se dá por infrações a desatenção civil – olhar prolongado a alguém ou olhadelas mútuas – confirmada por outros sinalizadores e pela contextualização espaço-tempo. Estando num espaço gay e ser fixamente observado pode ser que “esteja sendo paquerado” embora que o paquerador ao ser descoberto possa “desviar o olhar ou fingir” [desatenção civil] com relação a você (Juliano- setembro/2013). Os próximos momentos serão confirmatórios. Todavia, nem sempre o ato de “encarar” pode ser visto como início de uma paquera. Pode ser “um meio de sanção negativa, controlando socialmente todos os tipos de conduta impropria” (GOFFMAN, 2010, P.100).

A passagem da paquera como interação desfocada para um encontro ou “engajamento de face” é autorizada pelos gestos corporais e principalmente pelos olhares diretos que tem um “papel especial na vida comunicativa da comunidade, estabelecendo ritualmente uma abertura



declarada a enunciados verbais e uma relevância de atos mútua e legitimamente aumentada” (GOFFMAN, 2010, P.104-5).

Da mesma forma que “pegar o olho” do paquerado é uma forma do paquerador ser visto e demonstrar sua paquera, evitar que alguém “pegue seu olho” constitui na forma de “cortar”, de bloquear ou interromper uma paquera em curso, pois é “compreensível que um indivíduo que deseje controlar o acesso dos outros a ele e a informação que recebe pode evitar o olhar para a pessoa que o está procurando” (GOFFMAN, 2010, P.106). Em suma, quem quer evitar encontros, as olhadelas mútuas devem ser evitadas, visto que o “contato visual nos abre para engajamentos de face” (ibid, p. 108).

A interação focada da paquera inicia geralmente com a deferência, ou seja, um ritual interpessoal através de pequenas saudações, elogios ou desculpas para comunicar apreciação ou estima ao receptor. Esse ritual é utilizado para se aproximar ou fazer investidas aos corpos paquerados. Entretanto é a fase mais complexa porque lida principalmente com a confirmação das fachadas e das performances exibidas pelos indivíduos durante a fase desfocada ou não-verbal. Aqui, ocorre uma exacerbação/manipulação/reformulação dos significados atribuídos aos dois polos da paquera- cálculo e desejo- desde o início do

processo. E, além disso, o jogo binário de atribuição performática é acionado como em todo o processo de paquera: os indivíduos são avaliados como “performs” másculos ou “rasgados” – afeminados.

Na “Pop-ismo”, a apresentação é um recurso da paquera, às vezes, utilizada sem ao menos o paquerado tenha consciência da existência do paquerador através da figura do cupido. Como forma de evitar o “fora”, a primeira pergunta quase sempre do cupido é a de que se o indivíduo está solteiro e depois relata que “tem um amigo a fim de te conhecer?” (Romeu- março/2013). O constrangimento sempre está presente nesse tipo de relação social, pois mesmo que tenha existido uma correspondência de paquera, muitos jovens afirmam se sentirem desconfortáveis com a presença do cupido que pode assumir depois das apresentações várias funções e atitudes, inclusive a de “dar em cima” do recém-chegado ao ajuntamento da paquera. Pois o cupido geralmente representa o papel de intermediário ou mediador cuja atividade é estranha e vacilante podendo ser constituinte de dois ou mais agrupamentos.

O “fica” ou “pegada” é a etapa final de um processo de paquera onde a fase de interação focada é crucial, pois, para ser bem sucedida, deve ser constituída pelo mútuo envolvimento de ambos os indivíduos. Embora que nem sempre o grau de



envolvimento dos indivíduos sejam semelhantes e a permanência desse grau sempre estará sujeita a rupturas e distrações que às vezes podem até ser consideradas como sinal de desinteresse de algum dos indivíduos.

Na fase da paquera focada, existem os rituais de evitação utilizados para o outro “se mancar”: “não olhar para o outro”, “não perguntar quase nada”, “responder com poucas palavras”, “manter o corpo pouco distante do outro” e “não corresponder aos toques que o outro” aplica durante as perguntas e pequenas brincadeiras. Esses rituais executados de forma isolada ou em conjunto são geralmente deduzidos pelos frequentadores como permissão para terminar o estado de fala ou a interação focada. Ou seja, parece significar que um dos indivíduos não gostou da conversa ou percebeu que a fachada mantida e utilizada pelo outro não se confirma com aquela esperada pelo indivíduo que iniciou a paquera e a aproximação. E mesmo diante desses sinais, o outro não se “tocar”, a alternativa é a verbalização: “vou procurar meus amigos”, “vou ao banheiro”, “vou pegar cerveja”, “vou dar um rolé, volto já”. Às vezes acontece de haver uma insistência constrangedora: “bora, vou com você” (Cláudio- dezembro/2012).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nas fases da paquera – preparatória, desfocada e focada – os rituais constituintes buscam uma eficácia: definir a situação mútua de paquera para ambos indivíduos. Na desfocada a grande marca é a utilização da desatenção civil como ritual de seleção dos pretendidos alvos de paquera. E a fase focada ou de encontro é caracterizada em seu início pelos rituais de deferência principalmente os de apresentação a partir de elogios ou perguntas sobre o status conjugal do indivíduo. O cupido é a figura emblemática dessa fase.

O encontro conversacional da interação-paquera focada tanto pode resultar no “fica” ou “pegada” quanto no “corte” ou “fora” por alguns ou ambos envolvidos no encontro. De forma unânime evitar o “fora” é uma das principais finalidades da ritualização da paquera, pois conforme os relatos “cortar” as investidas de paquera pode ser um vetor de “glamourização” dos corpos e inferiorizador daqueles que recebem o “corte”. Embora que o “cortador” possa ter uma avaliação diferenciada para a plateia que assiste a cena: pode ser considerado “bicudo, besta, riquinho” ou “ele pode né dar o fora em quem ele quiser [...]” (Romeu - março/2013).



REFERÊNCIAS

BENTO, Berenice. **A Reinvenção do corpo:** sexualidade e gênero na experiência transexual. Rio de Janeiro: Garamond-Universitária, 2006.

BRAZ, Camilo Albuquerque. Vestido de antropólogo: nudez e corpo em clubes de sexo entre homens. In: **Bagoas**, n. 3, 2009. P. 75-95.

BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero:** feminismo e subversão da identidade. Trad. Renato Aguiar. 3. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do 'sexo'. In: LOURO, Guacira Lopes Louro (org.). **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

GOFFMAN, Erving. **Rituais de interação:** ensaios sobre o comportamento face a face. Trad. Fabio Rodrigues ribeiro da silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011- coleção sociologia.

_____. **Comportamento em lugares públicos:** notas sobre a organização social dos ajuntamentos. Trad. Fabio Rodrigues ribeiro da silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010- coleção sociologia.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana.** Trad. Maria Celia santos raposo. 16. Ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

JUNQUEIRA, Rogério Diniz. A pedagogia do armário: heterossexismo e vigilância de gênero no cotidiano escolar. In. **Revista Educação On-line** PUC-Rio nº 10, p. 64-83, 2012. Disponível em http://www.maxwell.lambda.ele.pucRio.br/rev_edu_online.php?strSecao=input0 . Acesso: 20/03/2014.

LIGIÉRO, Zeca (org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner.** Trad. Augusto Rodrigues da Silva. Rio de Janeiro: Mauad X, 2012.

PERLONGER, Néstor. **O negócio do michê:** a prostituição viril em São Paulo. São Paulo: Brasiliense, 1987.

SIMÕES, Júlio Assis; FRANÇA, Isadora Lins; MACEDO, Márcio. Jeitos de corpo: cor/raça, gênero, sexualidade e sociabilidade juvenil no centro de São Paulo. In: **Cadernos Pagu** (35), julho-dezembro. 2010. p. 37-78.